ALTERAÇÕES DE ORELHA MÉDIA EM CRIANÇAS COM DIFERENTES TRANSTORNOS DOS SONS DA FALA

Halima Sadec Aqel
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); halima.aqel@acad.ufsm.br
Bruno Henrique Oliveira Santana
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); bruno.santana@acad.ufsm.br
Manuela Colles de Oliva Araujo
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); manuela.araujo@acad.ufsm.br
Andressa Ribeiro Siqueira
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); andressa.ribeiro@acad.ufsm.br
Christine Grellman Schumacher
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); christine.schumacher@acad.ufsm.br
Eliara Pinto Vieira Biaggio
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); eliara.pv.biaggio@ufsm.br

INTRODUÇÃO: A audição é essencial para o desenvolvimento da linguagem. Alterações na Orelha Média (OM) podem causar privação sonora, comprometendo a discriminação dos sons da fala. Crianças com Transtorno dos Sons da Fala (TSF), podem ter um impacto maior, tornando a timpanometria relevante para identificar alterações auditivas. **OBJETIVO:** Identificar a ocorrência de alterações de OM em crianças com diferentes TSF. **METODOLOGIA:** Estudo quantitativo e transversal, aprovado pelo CEP (nº 6.099.641). Participaram 36 crianças (25 meninos e 11 meninas) com média de idade de 8,7 anos (mínima: 4,5; máxima: 12,9), randomizadas e distribuídas em três grupos iguais: crianças com fala típica-grupo controle (GC); , crianças com transtorno motor-grupo estudo 1 (GE1); e , crianças com transtorno fonológico-grupo estudo 2 (GE2). Os diagnósticos dos GE foram estabelecidos previamente por profissional especializado. Realizaram-se anamnese, meatoscopia e avaliação audiológica básica. As curvas foram classificadas em: Tipo A (normal) e as alterações: Tipo Ar (hipomobilidade), Tipo Ad (hipermobilidade), Tipo B (ausência de pico de máxima admitância) e Tipo C (pressão negativa na OM). Realizou-se um estudo estatístico das variáveis. **RESULTADOS:** Observou-se associação significativa entre os grupos e alterações timpanométricas (p=0,016). O GE2 apresentou maior prevalência de alterações (75%), seguido pelo GC (41,7%) e pelo GE1 (16,7%), com diferença significativa entre GE2 e GE1 (p=0,012). **CONCLUSÃO:** Crianças com transtorno fonológico apresentaram maior ocorrência de alterações de OM, sugerindo associação e prejuízos na organização da fala. Os achados reforçam a importância da avaliação audiológica em crianças com TSF.

Referências bibliográficas:

1. Andrade AN, Biaggio EPVB. Avaliação auditiva. In: Wertzner HF, Mota HB, Keske-Soares M, organizadores. Transtornos dos Sons da Fala. 1a ed. Barueri: Pró-Fono; 2024. p. 133-141.
2. American Speech-Language-Hearing Association (ASHA). Speech sound disorders: Articulation and phonological processes [Internet]. Rockville: ASHA; 2014.
3. Guenther FH, Vladusich T. A neural theory of speech acquisition and production. Journal of Neurolinguistics. 2012 Sep;25(5):408–22.
4. Torretta S, Pignataro L, Carioli D, Ibba T, Folino F, Rosazza C, et al. Phenotype Profiling and Allergy in Otitis-Prone Children. Front Pediatr. 2018;6:383.
5. Wertzner HF, Pagan LDO, Gurgueira AL. Influência da otite média no transtorno fonológico: análise acústica da duração das fricativas do português brasileiro. Rev CEFAC. 2009;11(1):11-18.